

Análise diagnóstica nas produções textuais de alunos nos anos finais do ensino fundamental¹

Diagnostic analysis in textual production of students in the final years of elementary school

Girlane Guimarães Rocha²

Recebido em: 05/02/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Publicado em: 02/06/2020

Resumo:

Este artigo apresenta uma análise diagnóstica da produção de textos narrativos de três alunos do 9º ano do Centro de Ensino Fundamental 20 de Ceilândia, escola pública do Distrito Federal, com base nos fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler(1981), além de apresentar um plano interventivo de ação com ênfase na análise linguística para solucionar as principais dificuldades encontradas no material levantado. Amparada pelas reflexões teóricas da Linguística Textual, a análise dos textos levantados fundamentou-se nas considerações propostas por ANTUNES (2011), GERALDI(2006), KOCH(2014) e MENDONÇA(2006).

Palavras-chaves: Avaliação Diagnóstica; Plano Interventivo; Análise Linguística.

Abstract:

This article presents a diagnostic analysis in the production of narrative texts by three 9th grade students at the Centro de Ensino Fundamental 20 in Ceilândia, a public school in the Federal District, based on the textuality factors proposed by Beaugrande and Dressler (1981), in addition to present an intervention plan of action with an emphasis on linguistic analysis to solve the main difficulties encountered in the material surveyed. Supported by the theoretical reflections of Textual Linguistics, the analysis of the texts raised was based on the considerations proposed by ANTUNES (2011), GERALDI (2006), KOCH (2014) and MENDONÇA (2006).

Keywords: Diagnostic Analysis; Intervention Plan; Linguistic Analysis.

¹ Artigo apresentado à disciplina Texto e Ensino da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

² Mestranda do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. <https://orcid.org/0000-0002-0703-8584>. E-mail: girlgi00@hotmail.com

ROCHA, G. G.;

Introdução

A vida em sociedade implica um constante processo de interação, onde, como seres sociais, há a necessidade de nos comunicar uns com os outros, utilizando para isso a língua. Por meio da linguagem oral ou escrita, produzimos textos com a finalidade de produzir discursos, abrigando então ideologias e intencionalidades.

O texto escrito sempre se constrói a partir de um assunto, advindo de um saber partilhado social, que se faz um recorte, uma tematização. Em contrapartida, o leitor ativa um processo mental e cognitivo para reconstruir o sentido do texto recebido. Nesse aspecto, trabalhar no desenvolvimento da habilidade textual do aluno é torná-lo capaz de (re)produzir realidades através da escrita. Muito além de dominar códigos linguísticos, escrever envolve uma práxis apurada de fatores de textualidade, que conferem ao aluno competência para registro de conceitos e ideias subjetivas em maior nível de clareza possível.

Ensinar a produzir, compreender e analisar textualmente é o principal foco dos estudos linguísticos na perspectiva sociointeracionista. No quadro dessa concepção de linguagem, o fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele que ocorrem as enunciações enquanto trabalho dos sujeitos envolvidos nos processos de comunicação social (GERALDI, 1996, p.27). Essa linha de análise evidencia que o aluno tem que aprender a ser um produtor de seus próprios discursos, assim como é necessária uma visão crítica no discurso do outro.

Nessa perspectiva, o trabalho em língua parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir textos (MARCUSCHI, 2008, p.55). A visão sociointeracionista adotada em sala de aula possibilita uma grande transformação social, fazendo do aluno um participante ativo na produção do sentido.

A produção de textos escritos em sala de aula tem mostrado efetivamente que fazer-se entender pelo texto, estabelecendo diálogos entre o sujeito para o qual se escreve, dentro do contexto social e dos quesitos de tessitura do texto, é uma atividade complexa e processual. Um desses processos, aqui tomado também como prática discursiva, é a atividade de reescrita textual, que retoma a escrita do aluno, realiza operações reflexivas com a linguagem, modificando substancialmente o próprio texto em vários aspectos possíveis. É nesse momento que o aluno percebe que a reescrita é uma

ROCHA, G. G.;

interação, pois tem destaque na configuração textual, uma vez que o objetivo é tornar o texto mais claro e adequado à leitura, ou seja, à situação de interlocução.

Para Antunes (2006, p.175), o texto merece uma avaliação multidimensional, já que ele é composto de material linguístico que vai além das palavras nele expressas. Deve ser ponto de chegada e de partida (GERALDI, 2013), requerendo uma avaliação dialógica e reflexiva, onde o ensinar e o aprender tenham o mesmo valor, uma vez que um não ocorre sem o outro.

Promover a competência linguística dos alunos é conduzir as propostas de produção de texto dentro de práticas diagnósticas de análise linguística, atentando-se aos princípios de textualidade - a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade - , capacitando-os na produção de textos reais para situações significativas do uso da língua durante esse processo.

As práticas de análise diagnóstica em sala de aula compreendem um olhar reflexivo sobre a linguagem, manifestada na produção dos textos produzidos pelo aluno. São fundamentais para conduzir a ação interventiva e a reescrita dos textos. Sob a perspectiva sociointeracionista de linguagem, propõe-se, neste artigo, uma análise diagnóstica e interventiva em produções textuais de três alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

1- Metodologia

A presente análise diagnóstica ampara-se na produção textual de três alunos do 9º ano de uma escola pública do Distrito Federal. Levando-se em consideração os estudos de análise linguística e os fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), esse estudo apresenta um plano de ação interventivo com a finalidade de solucionar as principais dificuldades encontradas no material levantado.

O pretexto para a produção partiu de uma proposta de continuidade textual a um parágrafo narrativo em primeira pessoa. Esperava-se que o aluno desenvolvesse, a partir de então, um texto do gênero conto de suspense, onde articulasse ao longo da proposta textual elementos tais como a progressão textual no texto narrativo, estratégias de progressão temática, uso de articuladores coesivos e de organização textual, apontando

ROCHA, G. G.;

também se o texto apresentou os princípios de coesão, coerência, informatividade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade.

Ao longo do processo foram produzidos, pelos alunos, dois textos – o inicial e o da reescrita. Pretendia-se, com isso, que se produzissem textos em um gênero, atendendo a uma situação comunicativa, refletindo sobre os seus diversos usos. Neste artigo, são analisadas somente as produções iniciais escritas pelos alunos.

2- A Análise Linguística E A Importância Da Análise Diagnóstica

Geraldi (2006) pontua que o eixo que trata da análise e reflexão sobre a língua seria, ao lado da leitura e da produção de textos, a unidade de ensino em que se analisam os recursos expressivos da língua, considerada esta como uma produção discursiva. Desse modo, a análise linguística:

(...) surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, uma vez que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/ escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua. (MENDONÇA, 2006).

Nesse processo é importante que as produções textuais não se apresentam em uma e única escrita, mas que estejam em processo de construção e possam sofrer alterações nas refações. Diante disso, não há como negar que a reescrita de textos produzidos no ambiente escolar deve ser uma prática constante, sistematizada e interativa.

A reflexão da escrita faz-se importante no processo de produção, pois, sendo a escrita uma atividade durativa se constrói ao longo de leituras e reflexões (ANTUNES, 2006, p. 167). Assim, para a autora, a avaliação da produção de textos não pode ser um acontecimento pontual, mas um processo que envolve reflexão, análise e persistência, na busca de formas mais adequadas para expor o que queremos dizer.

Fica claro que há uma necessidade da avaliação cumprir seu papel diagnóstico, tendo o professor como um mediador pedagógico e coautor dos textos dos alunos (GERALDI, 2010). Esse tipo de avaliação não tem função alguma se de fato não for feito um levantamento das possibilidades de aprendizado a partir das falhas evidenciadas. Ou

ROCHA, G. G.;

seja, um diagnóstico deve servir para a elaboração de atividades que sanem, principalmente as lacunas de aprendizado evidenciadas por meio da diagnose dos textos analisados.

3- Análise Diagnóstica de Textos

A proposta de produção textual apresentada para os alunos inicia-se, com a introdução da presença do conectivo temporal “de repente” na narrativa. Como recurso coesivo temporal, espera-se que, mais adiante, desenvolva-se uma sequência de ações que, em ordem crescente, o aluno consiga apresentar a devida progressão do texto narrativo.

Figura 1 (autor1) – Texto 1(T1)

O texto abaixo foi redigido por uma aluna do 9º ano, atendendo à proposta dada de construção de uma narrativa no gênero conto de suspense.

De repente, eu estava passando por uma rua deserta e fria, quando ouvi barulho de pessoas vindo atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um beco, corri e entrei nele para me esconder. Fiquei lá por alguns minutos, não escutei mais nada. Durante esse tempo que fiquei no beco eu só pensava em quem era essa pessoa que estava atrás de mim ou me seguindo.

Fui para a minha casa, um pouco assustada ainda. Chegando lá eu tomei um banho, fui deitar e refletir mais um pouco sobre o que tinha acontecido hoje. Pensei tanto que até dormi. No outro dia logo bem cedo, levantei e me arrumei. Minha mãe até se admirou. Como eu estudava à tarde, pela manhã eu resolvi sair um pouco. Fui até a rua onde eu tinha escutado os passos. Ele era um pouco alto e estava de boné. Fiquei com um pouco de medo, mas resolvi conversar com ele.

Eu perguntei o que ele queria comigo, disse que só queria ajudar. Ele falou que já estava me observando há algum tempo e notou que eu estava triste. E realmente estava. Por diversos motivos. Ele me convidou para participar de um grupo de auto ajuda. Eu aceitei. Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Lá é maravilhoso. Eu acho que deveria existir mais grupos como esse porque hoje em dia muitos adolescentes tem

ROCHA, G. G.;

problemas. E um grupo como esse ajuda muito. É uma experiência incrível.

Segundo Antunes (2005), o uso dos conectores tem a função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto. Ao longo do texto analisado, vários desses elementos coesivos sinalizam a movimentação dos personagens à medida que o tempo passa conforme observamos no seguinte trecho: “Chegando lá fiz tudo o que tinha feito ontem. Até que, ouvi os passos novamente, dessa vez eu não corri, olhei pra trás e dei de cara com um menino.”

No último período do primeiro parágrafo, o narrador recorre ao termo durante esse tempo, retomando um marcador temporal que remete ao fluxo cronológico em que a informação se distribui simultaneamente: “Durante esse tempo que fiquei no beco eu só pensava em quem era essa pessoa que estava atrás de mim ou me seguindo.”

O que se quer aí é contar o que aconteceu, dizer os fatos, ou acontecimentos, constituindo episódios ordenados do mundo real. Nesse momento, o autor do texto 1 apresenta a angústia que vai rondá-lo e sistematizar toda a temática do texto: quem o perseguira naquela rua deserta e fria?

As primeiras conclusões apresentadas sobre T1 expõem o uso acentuado dos conectores como recurso coesivo de tessitura da composição. Um aspecto positivo a ser incluído é o fato de que, mesmo com o uso dos conectores mais básicos, os seus usos são feitos de forma adequada. Esses elementos garantem a progressão do texto, que vai se desenrolando e atendendo a expectativa do leitor ao longo das ações.

Em relação ao propósito comunicativo de se narrar em primeira pessoa com a finalidade de esclarecer ao interlocutor quem o perseguira nas primeiras linhas da narrativa, verificamos que foi plenamente atendido conforme a descoberta do narrador.

Por fim, quando o narrador revela a descoberta do sujeito que o seguira, um menino, que apenas queria, na verdade, ajudá-lo, também se evidenciou a relevância informativa conforme postulado por Antunes(2010), onde quanto mais um texto apresenta novidades, quanto mais foge a obviedades (formais ou conceituais), mais ele é relevante.

Levando em conta esses fatores de textualidade mencionados acima, é válido considerar o T1 um bom texto, pois cumpre sua unidade sócio comunicativa (função social), semântica (unidade de sentido) e formal (relações de sentido marcadas por formas da língua: léxico e gramática).

ROCHA, G. G.;

Figura 2 (autor 2) - Texto 2(T2)

Segue abaixo mais um texto redigido por um aluno do 9º ano.

De repente, eu estava passando por uma rua deserta e fria, quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um beco, corri e entrei nele para me esconder. Este beco era úmido e escuro, fiquei por cerca de 25 minutos escondido. Não sabia direito de quem eu estava me escondendo, mas eu estava com muito medo. Naquele momento estava com muito frio, ouvia apenas barulhos estranhos.

Depois de alguns minutos, tomei coragem para me levantar, sair bem vagarosamente daquele beco escuro. Vi uma caminhonete no quarteirão a frente, fiquei apreensivo, mas seguí andando. Confesso estava morrendo de medo, mas queria apenas chegar em casa. Quando olhei para trás, percebi que a caminhonete estava me seguindo, comecei a caminhar mais rápido, mas não correndo, queria mostrar que eu estava calmo. Cada vez mais, aquela caminhonete estava chegando perto de mim, olhei para trás, porém não consegui identificar a pessoa.

Já estava desesperado, ainda faltava muito para chegar a minha casa. Parei em uma rua, para ver qual seria a reação da pessoa. A caminhonete parou no meu lado, desceu uma mulher da caminhonete, querendo saber onde ficava a farmácia. Perguntei para ela porque ficou me esperando por tanto tempo, ela me respondeu que não tinha ninguém na rua para ela perguntar e ficou esperando alguém aparecer.

Para que um texto forme uma unidade, são empregadas palavras que estabelecem conexão entre as suas partes, as quais garantem a progressão temática ao longo das ações narrativas. Desse modo, o uso de palavras ou expressões que marquem o tempo e o espaço, em especial o uso de advérbios, contribuem para a articulação das frases no texto, conferindo progressão em uma sequência narrativa.

Assim como no T1, em T2 há vários elementos sequenciais de coesão para dar continuidade à narrativa gerada na expectativa inicial. Esses elementos colaboram para a passagem de tempo muito marcante, como se percebe em: “Naquele momento estava com muito frio...” / “Depois de alguns minutos, tomei coragem para me levantar, sair bem vagarosamente daquele beco escuro”.

ROCHA, G. G.;

O uso de alguns adjetivos marcam subjetividade no texto, demonstrando impressões e reações emocionais do narrador ante as coisas e os acontecimentos. Isso pode ser observado nas seguintes passagens: “Este beco era úmido e escuro, fiquei por cerca de 25 minutos escondido.”/ “Naquele momento estava com muito frio, ouvia apenas barulhos estranhos.”

Por fim, convém analisar o aspecto da informatividade em T2. Como bem diz Antunes (2010, p. 36), “a informatividade concerne ao grau de novidade, de imprevisibilidade que, em certo contexto comunicativo, o texto assume; concerne ainda ao efeito interpretativo que o caráter inesperado de tais novidades produz.”

Assim, concluímos que o texto apresenta ideias previsíveis, sem a presença da intertextualidade – que revele a relação entre o seu interior e seu exterior, exterior esse do qual fazem parte outros textos com os quais dialoga (KOCH, 2013). O desfecho sem novidades - alguém que seguiu a narradora apenas para lhe tirar uma informação - deixa o seu interlocutor frustrado quanto a esse final surpreendente.

Figura 3 (autor 3) - Texto 3- (T3)

Por fim, segue-se mais uma produção do 9º ano.

De repente eu estava passando por uma rua, quando ouvi barulho de passos vindos atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um beco, corri e entrei nele para me esconder. Estava com medo quando senti um formigamento. Meu corpo tentava me avisar que algo não estava certo, sentindo pequenas descargas elétricas, caí no chão gelado daquele beco. Antes de desmaiar consegui ver o salto preto, chutaria número 37, que vinha com uma fita preta amarrada no sapato naquele momento lembrei do sapato mas não do(a) dono(a).

Acordei na casa da tia Nanci, estava deitada na cama de Annie, sua filha única que havia falecido a 4 meses. Me perguntava o que estava fazendo ali, após dois minutos. Nanci chegou no quarto.

- Tia, o que está acontecendo? – perguntei com dificuldade para falar pois minha garganta estava seca.

- Sua mãe vai ter o que merece. – dizia Nanci, jogando alguns papéis na minha frente. Papéis que provavam que Tony. Minha mãe havia matado Annye, fiquei sem chão naquele momento, me perguntando o que nanci iria fazer comigo.

ROCHA, G. G.;

Nanci me pegou pelo cabelo e me prendeu em uma cadeira onde lá escreveu suas iniciais na minha bochecha com um ferro quente. Senti muita ardência, pedia socorro, mas era em vão e então ali Nanci acabou o trabalho e fugiu para Nova Zelândia, onde nunca foi achada e eu fui encontrada após 8 dias, sequestrada e maltratada naquele porão. Foi ali que meus sonhos acabaram.

No T3, observa-se que a sequência narrativa traz uma sucessão de eventos, daí espera-se a progressão no texto. As estratégias de referenciação favorecem a ligação de partes integrantes por meio da construção de palavras e expressões. As escolhas são realizadas a partir do conhecimento prévio e das intencionalidades do autor no processo de interação com o interlocutor, como verifica-se em: “... naquele momento lembrei do sapato mas não do(a) dono(a).”

Um texto narrativo coerente é aquele cujos fatos estão ligados por uma relação cronológica e lógica. Em uma narrativa, é fundamental que ocorra uma transformação entre uma situação ou estado inicial e a situação ou o estado final, funcionando como uma conclusão do texto. Ou seja, os eventos devem apresentar uma organização estrutural: exposição, tema, intriga e resolução. A ausência dessa estrutura evidencia-se no último período do texto, que apresenta o desfecho da narrativa: “foi ali que meus sonhos acabaram.”

Nesse desfecho, observa-se que o autor não correspondeu ao interesse do seu interlocutor quanto à pertinência e à relevância das informações ao longo do conto, o que compromete o grau de informatividade. Outro aspecto relevante é que a expectativa do leitor é rompida, pois aquela situação final não estava claramente conduzida para uma relação de causa e consequência, o que traz prejuízos ao sentido do texto como um todo. Esse desfecho traz sérios problemas de encadeamento das ideias, o que prejudica a construção da unidade de sentido.

4- Proposta de Intervenção

Ao longo das análises diagnósticas das produções dos alunos, observou-se, em T2 e T3, a fragilidade do texto em relação ao aspecto da informatividade, visto que não apresentaram informações novas e inesperadas ao interlocutor, que sugerissem um

ROCHA, G. G.;

desfecho surpreendente no gênero conto de suspense, ocasionando lacunas à coerência da produção dos textos analisados.

O trabalho com a informação na construção do texto é responsável por mostrar o que se quer transmitir, despertando no interlocutor a esfera sugestiva de suspense e surpresa, tão característicos do conto suspense, atendendo a situação comunicativa proposta na produção. Com base nessa análise, propõe-se a seguir um plano de atividades, com a finalidade de se repensar e auxiliar na reescrita dos textos, assim como estratégias que desenvolvam a informatividade na reescrita do conto.

Atividade 1 (aula 1)

Passo 1: Formação de grupos compostos por 04 alunos. Em seguida, leitura em grupo do seguinte trecho narrativo:

Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.[...]"

(trecho retirado do conto Perseguição de Paulo André T. M. Gomes)

Passo 2: Discussão oral, em grupo, para o possível conflito da narrativa: quem seguia o narrador?

Passo 3: Apresentação oral dos grupos para o desfecho do trecho.

Atividade 2 (aula 2)

Passo 1: Leitura extensiva do texto “Perseguição”.

Perseguição

Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas

ROCHA, G. G.;

de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.

Caminhei mais depressa, sem olhar para trás. Comecei a tremer e a suar frio. Coração acelerado. Aqueles passos não paravam de me perseguir. Virei depressa. Não havia nada além de sombras. O medo aumentou. Ou eu estava enlouquecendo, ou estava sendo seguido por algo sobrenatural.

Corri desesperadamente. Parei na primeira esquina, ofegante. Olhei novamente. Nada! Continuei a andar, tentando manter a calma. Faltava pouco pra chegar a minha casa.

Já mais tranquilo, parei, finalmente, em frente à minha porta. Peguei a maçaneta, ainda um pouco trêmulo devido ao susto e à corrida. Quando a girei, a porta não abriu. Provavelmente meus pais já estavam dormindo. Procurei minhas chaves em todos os bolsos que tinha. Não encontrei.

Os passos recomeçaram. O medo voltou em dobro. Estava meio tonto. Não conseguia manter-me de pé. O mundo girava vertiginosamente. Tentei gritar, mas a voz não veio. Aquele som se aproximava cada vez mais. Não havia saída. Juntei, então, todas as minhas forças e, num movimento brusco... Caí da cama e acordei!

Paulo André T. M. Gomes

Atividade 3 (aula 3)

Passo 1: Compare as respostas dos grupos quanto ao desfecho do trecho e observe se alguma delas se igualou ou se aproximou do conto lido.

Passo 2: Responda as questões com base nas informações do texto acima:

A - O título estava de acordo com o tipo de conto?

B - Comente sobre as estratégias utilizadas pelo autor para aumentar a expectativa do leitor e gerar suspense.

C - O espaço contribui para uma atmosfera apropriada à história?

D - Há uma situação inicial, um conflito e uma resolução final? Escreva cada uma delas.

E - Ao longo do texto, o autor deu pistas para o surpreendente desfecho?

ROCHA, G. G.;

Atividade 4 (aula 4 e 5)

Passo 1: Reescreva o texto atentando-se para os fatos novos que desenrolem a narrativa em um desfecho surpreendente.

Considerações Finais

A atividade com produção textual tem como finalidade formar escritores competentes, capazes de elaborar textos coerentes, coesos e eficazes. Um escritor competente é alguém que planeja o discurso, oral ou escrito, fazendo uso da sua função, considerando sempre as características de cada gênero.

Deve-se oportunizar o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, com estratégias eficazes para este trabalho com a escrita, tais como um plano de ação interventivo aliado a uma boa prática de análise linguística. Dessa forma, o ensino de produção textual será efetivamente abordado como forma de interação social entre sujeitos ativos e cidadãos, e não como uma mera atividade de escrita escolar.



ROCHA, G. G.;

Referências

ANTUNES, I. A. **Aula de português: encontro & interações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, I. A. **Avaliação da produção textual no ensino médio**. In: BUZEN, C. E MENDONÇA, M (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 163-180.

ANTUNES, Irandé. **Análises de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, J. W (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros**. In. SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C. B. (orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística e produção de textos: reflexão em busca de autoria**. Revista Na Ponta do Lápis, São Paulo, ano XII, n. 27, p. 73-88, jul. 2016.

Como citar este artigo (ABNT)

ROCHA, G. G. Análise diagnóstica nas produções textuais de alunos nos anos finais do ensino fundamental. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ROCHA, G. G.; (2020). Análise diagnóstica nas produções textuais de alunos nos anos finais do ensino fundamental. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

ROCHA, G. G.;

ANEXOS

ANEXO 1

De repente, eu estava passando por uma rua deserta e fria, quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não tive tempo de olhar para trás. Avistei um beco, corri e entrei nele para me esconder. Fiquei lá por alguns minutos, não ouvi mais nada. Durante esse tempo que fiquei no beco eu só pensava em quem era essa pessoa que estava atrás de mim e me seguindo.

Fui para a minha casa, um pouco assustada ainda. Chegando lá eu tomei um banho, fui deitar e refletir mais um pouco sobre o que tinha acontecido hoje. Pensei tanto que até dormi. No outro dia logo bem cedo, levantei e me arrumei. Minha mãe até se admirou. Como eu estudava à tarde, pela manhã eu resolvi sair um pouco. Fui até a rua onde eu tinha escutado os passos. Estava super curiosa para saber quem era a pessoa que estava atrás de mim então. Chegando lá fiz tudo o que tinha feito antes, da mesma forma. Até que, ouvi os passos novamente, dessa vez eu não corri, olhei para trás e dei de cara com um menino. Ele era um pouco alto e estava de boné. Fiquei com um pouco de medo, mas resolvi conversar com ele.

Eu perguntei o que ele queria comigo, disse que só queria ~~me ajudar~~ ajudar. Ele falou que já estava me observando há algum tempo e notou que eu estava triste. E realmente, estava. Por diversos motivos. Ele me convidou para participar de um grupo de auto ajuda. Eu aceitei. Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Lá é maravilhoso. Eu acho que deveria existir mais grupos como esse. Porque hoje em dia muitos adolescentes têm problemas. E um grupo como esse ajuda muito. É uma experiência incrível.



ROCHA, G. G.;

ANEXO 2

De repente, eu estava passando por uma rua deserta e via, quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um jovem, corri e entrei nele para me esconder. Pude ouvir sua respiração e ouvi, fiquei por cerca de 25 minutos escondido. Não sabia direito de quem ele estava me escondendo, pois eu estava um pouco perdido. Naquele momento estava um pouco frio, sabia apenas barulhos e outros sons.

Depois de alguns minutos, tomei coragem para me levantar, vá-riar um vagarosamente daquele lugar escuro. Vi uma namimbonete na quadra da frente, fiquei apreensivo, mas segui andando. Por isso estava um pouco de medo, mas queria apenas chegar um lugar. Quando olhei para trás, percebi que a namimbonete estava um pouco seguindo, comecei a namimbonete mais rápido, mas não sabendo, queria mesmo que eu estava calma. Cada vez mais, aquela namimbonete estava chegando perto mim, olhei para trás, porém não consegui identificar a pessoa.

Foi então desesperado, ainda faltava muito para chegar a minha casa. Parei em uma rua, para ver qual seria a direção da pessoa. A namimbonete pareu no meu lado, dissei uma palavra da namimbonete, querendo saber onde estava a namimbonete. Perguntei para ela porque ela me estava seguindo por tanto tempo, ela me respondeu que não tinha ninguém na rua para ela perguntar e que estava procurando alguém aparecer.

ANEXO 3

De repente eu estava passando por uma rua, quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um jovem, corri e entrei nele para me esconder. Estava um pouco de medo quando senti um formigamento, meu corpo tentava me avisar que algo não estava certo, sentindo os pequenos descargas elétricas, cai no chão gelado daquele lugar. Antes de desmaiar, consegui ver o rosto preto, chutaria número 27, que vinha com uma fita preta amarrada no sapato naquele momento lembrei do sapato mas não do (ca) de (ca).

Acordei na casa da tia Nanci, estava deitada na cama de Annie, sua filha única que havia falecido há 4 meses. De repente perguntei o que ela estava fazendo ali, após dois minutos Nanci chegou no quarto.

- Tia, o que está acontecendo? - perguntei com dificuldade para falar pois minha garganta estava seca.

- Sua mãe vai ter o que merece. - dizia Nanci, jogando alguns papéis na minha frente papéis que mostram que Tony, minha mãe havia matado Annie, fiquei sem chão naquele momento, me perguntei o que que Nanci iria fazer comigo.

Nanci me pegou pelo cabelo e me prendeu em uma cadeira onde lá, escreveu suas iniciais na minha bochecha com um ferro quente. Senti muita dor (ardência) e dizia se não era em vão e então ali Nanci acabou o trabalho e fugiu para Nova Zelândia, onde nunca foi achada e eu fui encontrada após 2 dias, sequestrada e matada naquele porão. Foi ali que meus sonhos acabaram.